

## Música e mineiridade

Fernando Brant\*

Músicos brasileiros contemporâneos, chegando às nossas terras, costumam exclamar, de tanto ouvir a qualidade e sutileza das melodias e harmonias que ouvem por aqui, que Minas Gerais é “país da música”. Pode ser exagero, e é, se comparamos com outros territórios no mundo, conhecidos pela grandiosidade de sua produção musical. Não queremos nos comparar aos grandes centros europeus de criação e difusão de concertos, sinfonias e que tais, concebidos através dos séculos de cultura refinada. O velho mundo e sua bagagem são incomparáveis. Nossa idéia é mais modesta e se refere, essencialmente, aos sons criados e executados pelo nosso povo e que vêm desaguar no que conhecemos como música popular mineira e brasileira. É algo que corre no sangue de nossa gente e está presente em todas as situações de sua existência. O mineiro respira notas musicais e com elas torna mais amena sua batalha pela vida ao longo da história.

O conceito de música popular que hoje se reconhece não se confunde com o que se chama de folclore. A primeira tem autor determinado e o segundo é de autoria coletiva ou desconhecida. Mas ambos são geradas no mesmo ventre, sua gênese se encontra na alma da população que veio aportar em nosso território. As duas vertentes, por terem a mesma origem, juntas configuram o que pode ser percebido pelo viajante de hoje da mesma forma que os estrangeiros de ontem: a música, como ouro, corre nas veias de Minas Gerais.

Refletindo sobre o sentimento e a cultura dos mineiros, o poeta Affonso Ávila afirma, em entrevista ao Estado de Minas no Caderno Pensar, de 10 de março de 2007, que “somos um povo festivo, extremamente criativo, temos uma visão sensual da vida, mas ao mesmo tempo somos recolhidos e conservadores do ponto de vista social e ideológico. É essa dualidade barroca, a meu ver, que caracteriza a chamada mineiridade”.

---

\* Poeta, autor de “Travessia”, entre outras músicas, com Milton Nascimento.

Essa ambigüidade se encontra em tudo em que botamos a mão, em tudo o que o mineiro se propõe fazer. É um andar com os pés bem firmes no chão e os olhos vislumbrando os sonhos, os projetos, a distância, a criação. É conviver e ser o barro do chão, mas enxergar o mundo. Somos, os artistas mineiros, uma espécie de doido da montanha, a viver o cotidiano do nosso lugar e a contemplar a Terra e os homens, aqui do alto.

Temos a alegria festeira, que se exprime em música nas cerimônias sacras e nas profanas. Sabemos festejar, mas a primeira impressão que guardam de nós é a de que somos tristes e macambúzios, fechados em melancolia, reza e dor. Somos isso e muito mais.

De onde vem esse jeito recatado e solene que é uma parte de nós? Virá da herança moura que, entranhada por séculos na Península Ibérica, chegou a nós pelo lado português? Ou virá, também, do banzo que os negros trouxeram das terras africanas? Em momentos diamantinos de delírio, no meio das pedras e da paisagem tijucana que parece ter sido fundo de mar, inventei a hipótese de que os nossos pretos eram, já na África, habitantes do interior. Por isso já traziam, de lá do outro lado do Atlântico, a nostalgia do mar. Vinhos do centro de um continente para o meio de outro, sina redobrada, sofriram em dose dupla a falta de mar.

A música que se faz em Minas Gerais é rica e diversificada. Não há uma maneira única de Minas fazer canções, ela é plural em seus conhecimentos e criações. Minas são muitas e muitos e variados são os mineiros. Os compositores surgem de todos os Gerais e trazem do interior a memória dos antepassados, os cheiros das terras, o sentimento amoroso das cidadezinhas plantadas entre vales, rios e montanhas. A síntese que se realiza, na Capital montanhosa, lugar para onde se desloca a maioria dos músicos, entre o rural e o urbano, o histórico e o contemporâneo, faz a riqueza dessa arte particular e universal. Minas Gerais é fonte. Assim como as águas brotam do ventre das terras mineiras para formar os rios que vão se dirigir ao mar, e esse verter parece inesgotável, os sons jorram de todas as latitudes de Minas. É uma variedade impressionante de jeitos de ritmar e harmonizar, de construir versos e inaugurar temas. Chegam devagar, cautelosos, tímidos, silenciosos e cheios de conteúdo. Basta a primeira oportunidade de mostrar o instrumento para que tomem conta do pedaço. Vêm do oeste, do sul, no norte e do leste; da região central, dos vales dos rios Jequitinhonha e Doce, da zona da Mata. Os dedos, os sopros, as idéias que trazem são novidade, diferente do que já ouvimos,

mas, ao mesmo tempo, têm uma identidade enorme com tudo o que aqui se faz. É um mistério sempre presente no canto que se canta nas alterosas. Há uma identidade, a gente sabe que esse fazer só pode ter sido criado por estas bandas. Mas é diferente, o que este faz é próprio dele, não é o mesmo que o cantar do outro.

Essa constatação pude fazer ao longo do meu caminhar pela profissão de escritor de canções. Eu me especializei em procurar palavras que se casem com canções. Ouço a melodia, com o ritmo e a harmonia, e procuro descobrir o que aquela beleza abstrata quer dizer. Os versos precisam se misturar amorosamente com os sons. Não é apenas a questão de respeitar as tônicas e o número de sílabas/notas. É necessário conhecer mais profundamente a alma da criação. Não se escreverá uma letra alegre para uma melodia triste, e vice-versa. O primeiro passo é encontrar o mote, o que as pautas querem dizer.

Nessa empreitada tenho vários parceiros, muitos mineiros. A prova evidente de que cada um, apesar de haver identidade entre eles, é um compositor original, com digital própria, eu encontro em nossas canções. O trabalho de cada um não se confunde.

O resultado é que as letras que fiz e faço para Milton Nascimento são absolutamente diversas das que faço para Tavinho Moura. O mesmo se aplica às minhas parcerias com Toninho Horta, Wagner Tiso, Nelson Ângelo, Lô Borges, Beto Guedes e outros. Para fazer isso, não tive de abrir mão de minhas idéias, emoções ou princípios. Escrevi, sempre, o que me pareceu justo e se enquadrava no que a canção me solicitava.

Até porque eu também sou produto dessa mistura maluca de mato e cidade, interior e metrópole, missa cantada e cantigas de roda, rádio Nacional e viola na roça, quintal e mundo. E as gerações novas, do centro ou do interior, continuam chegando com a bagagem entulhada de coisas raras, de visões sonoras especiais. Parece um moto-contínuo, cada um com suas novidades.

O fato é que há um movimento constante, muito maior do que no tempo em que pus o pé na estrada. Penso que o que fizemos e fazemos incentiva a que mais gente surja, aceite encarar a aventura, trazendo seu modo de tocar e criar, seu canto, seu discurso, seu recado.

Mas a história de Minas com a música é antiga. Deve ter havido, primeiro, o cantar indígena, do povo que sempre morou por aqui. Os portugueses também tinham suas cantigas, a lembrança de seus festejos coloridos, sua história. E os negros vieram com uma contribuição extraordinária, que marca a parte mais visível de nossa identidade.

Ainda hoje existem pessoas que contestam a força da cultura, em Minas, no tempo da extração abundante de ouro. Tentam negar que onde a economia é forte há poder e onde há riqueza é que a cultura mais se desenvolve. A política maior está de braços dados com a cultura maior. Se havia a poesia dos árcades, que inaugurava o movimento poético no Brasil; se havia a biblioteca universal do padre Luiz Vieira; se havia Aleijadinho e sua escultura e arquitetura; se havia o mestre Atayde, por que razão não existiria uma política vigorosa, maior que uma simples manobra para não pagar impostos? Da mesma forma, se havia tanta arte, haveria de existir uma música do mesmo quilate. É o que se comprovou muito tempo depois, nos anos 1940, graças ao trabalho de Curt Lang, cujo artigo “A música em Minas Gerais: um informe preliminar”, de 1946, revelou a existência de uma escola de compositores mineiros da época colonial. Aqui na música – como em Aleijadinho e Atayde – surge o criador mineiro e mulato na pessoa de Lobo de Mesquita. Eles e outros, cujas obras foram encontradas, em sua maioria, nos arquivos do “Pão de Santo Antônio”, em Diamantina, foram então reconhecidos como gigantes da arte do povo mineiro. Com os músicos mineiros dos séculos 18 e 19 restabeleceu-se a verdade histórica: tinha de existir música de qualidade naqueles tempos.

No mesmo “Pão de Santo Antônio”, uma outra musicóloga e pesquisadora, Odete Ernest Dias, descobriria, alguns anos depois, partituras criadas pela gente de Diamantina no final do século 19. Músicas de cunho popular que os tijucanos compunham para alegrar suas festas, divertir sua vida. Uma das peças recolhidas por Odete era de autoria de um diamantinense (pai de meu futuro professor de latim, José Altimiras) que, além de compositor, era um competente cozinheiro. Para começar a passagem do século 19 para o 20, ele preparou uma composição e um jantar para os amigos, alguns também músicos. Para a peça musical, ele escreveu partituras para todos os instrumentos necessários. E soltou a inventividade na criação dos pratos do banquete. Certamente iguarias com frango, porco, angu, quiabo, ora-pro-nóbis, doces e uma infinidade de quitutes da rica e diversificada cozinha da região.

A mesma dúvida que tivemos na chegada do século 21 eles tiveram em sua época. O novo século começaria em 31 de dezembro de 1900 ou na mesma data de 1901? Na dúvida, e como se tratava de diamantinenses que realçavam o lado festivo da mineiridade, repetiram a festança no ano seguinte.

O trabalho desenvolvido por Odete Ernest Dias precisa ser mais bem conhecido e avaliado. É importante para que se tenha contato com a evolução da alma musical de Minas. Os viajantes Spix e Martius, no início do século 19, andaram por essas Minas Gerais e tudo o que viram – em termos de humanidade, costumes, geografia, botânica, zoologia, flora – descreveram em livros. É interessante o relato que fazem de um fato ocorrido quando Martius esteve em Brejo dos Salgados, às margens do rio São Francisco, para prestar assistência médica à esposa de um capitão. Ali, depois de cumprida a missão, ele assistiu a uma Festa da Rainha com missa, procissão e um lauto regalo, arranjada por uma rica fazendeira das proximidades, conforme o parágrafo seguinte.

Também encontramos aqui entretenimentos musicais, isto onde menos podíamos esperá-los. Um sertanejo, que habitava vinte léguas a oeste de Salgado, e casualmente tinha ouvido falar de nossa prática de amadores de música, mandou um mensageiro, para pedir-nos o prazer de tocar conosco um quarteto. Ao cabo de alguns dias, apareceu o moreno Orfeu das selvas, à frente da mais estranha caravana. Às costas da mula, trazia ele um rabecão, rabecas, trombetas, estantes para música, e, como provas de sua dedicação, a mulher e os filhos. Dois de seus vaqueiros tocaram as partes secundárias e, com jovial segurança, atacamos o mais antigo quarteto de Pleyel. Que mais alto triunfo podia celebrar o mestre do que a expressão de sua música ressoar aqui, no sertão americano? E, com efeito, o gênio musical pairava sobre a nossa tentativa, e tu, excelente melômano, João Raposo, viverás sempre na minha memória, com as tuas feições animadas por triunfante enlevo.

#### É do mesmo naipe o relato de **George Garner (1836-1841)**:

Na primeira tarde, ao passear pela vila fiquei surpreso de ouvir tocar rabeca em quase todas as casas. É a rabeca um instrumento usado exclusivamente pelos barbeiros no Rio e outras grandes cidades: mas no interior é raro encontrá-lo, porque a guitarra é muito preferida tanto por homens como por mulheres. Em São Romão, porém, a moda é diferente e a educação de uma moça não está completa senão quando sabe manejar o arco.

Depois das mulheres de São Romão, maestras na arte de tocar rabeca, houve o tempo em que não havia casa de família ou sede de fazenda que não tivesse seu piano. Coisa de gente de muita posse, que adquiria o instrumento na Europa, de onde ele vinha de navio e, depois de muita estrada de terra, de dias e dias num carro de boi ou carroça, chegava a grande maravilha que só os dedos finos e leves da filha do dono tocariam.

A viola, já são outras histórias. Que passam pelos desafios e pelo pacto com o demo. De que ninguém confirma a existência, mas todos não desacreditam.

Ainda mais que essa é uma lenda que vem de longe, no tempo e no espaço, está em toda cultura que se preze. Violeiro é que não falta nestas Minas Gerais. Para onde o olho e o andar apontem, lá vem algum sujeito carregando sua ferramenta. Segundo Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, foi o primeiro instrumento de cordas que o português divulgou no Brasil.

O século do povoamento, o XVI, foi a época do esplendor da viola em Portugal, indispensável nas romarias, arraiais e bailaricos, documentado em Gil Vicente e nos cancioneiros. A orquestra típica das festas jesuíticas era a viola, o pandeiro, o tamboril e a flauta. Animador dos bailes populares em todos os quadrantes brasileiros. Recebendo de Espanha o violão, como a viola vulgarizada pelos mouros, o português denominou-o no aumentativo de viola, instrumento-rei.

Sobre viola e violão é preconceituosa a visão do general Raimundo José da Cunha Mato. Em seu *Itinerário, Minas Gerais a Goiás*, afirma que todo vadio que possui uma guitarra (violão) tem seu pão ganho sem necessidade de trabalhar, e encontra sempre quem o queira em casa. Desde muito, e até hoje, tem gente que acredita e diz que a profissão de músico não é trabalho.

Na formação do mineiro, a música é muitas vezes acompanhada pela religião. Assim, as músicas cantadas em latim, o canto gregoriano, as datas solenes comemoradas pela Igreja Católica marcaram profundamente a nossa identidade.

Outras festas importantes, que influenciam mais diretamente o povo e contam com sua participação efetiva, são as do Rosário, as Folias de Reis e toda uma gama de momentos em que a população assume o que é dela. Os cantos, os ritmos, as danças resultam de uma mistura de cultura e povos.

A mistura de tradições católicas com elementos místicos africanos encontrou aqui, nesta farofa de cores e semblantes que somos, o lugar ideal para se materializar. A riqueza da música mineira vem daí; é do beber nessas tradições que está o principal veio de nossa musicalidade.

O resto vem das diferenças culturais das diversas regiões, a intuição e a criatividade de cada um, o ouvido atento para todos os sons, a mente aberta para o que houve e o que está vindo. Minas Gerais, por ser o Estado que mais tem fronteiras com outros Estados, sempre influenciou e foi influenciada por

seus vizinhos. A química dessa constante transfusão dá maior gás à nossa cultura profunda e interior.

Faltou falar das bandas de música ainda hoje espalhadas pelo nosso torrão. As cidades se orgulham de suas furiosas. Nascidas das corporações militares, logo abriram o leque de suas apresentações e formação. Não há festividade musical, seja de que origem for, sem a sua presença. Além de alegrar a população durante todo o ano, elas são formadoras de músicos profissionais. Orquestras e conjuntos buscam ali seus componentes.

Num tempo não tão distante, além de executar os dobrados, marchas e outras composições alheias, os maestros eram também autores. Muita partitura de qualidade deve estar perdida por aí, nos porões das igrejas ou das sedes das corporações, muito papel se queimou, se jogou no lixo ou foi comido por traças ou pelo tempo. A maioria dessas agremiações foi mal preservada, pouco cuidada, mas insistem e persistem, agregando novos músicos, alegrando crianças, embalando as lembranças de todos nós.

E eu não poderia deixar de lembrar outra tradição nossa, símbolo de nossa afetividade e companheirismo, de nosso jeito lírico e boêmio de ser: as serenatas, as serestas. As modinhas e canções, feitas e cantadas para as namoradas, em noites de lua cheia (ou noites de qualquer lua, o que vale sempre é a intenção) ou nas homenagens sociais, são indelévels e permanecem vivas em inúmeras cidades de Minas. O jeito mineiro de cantar é o jeito mineiro de amar.

Enfim, depois de citar tantos relatos de viajantes e pesquisadores que percorreram nosso território e descobriram para nós a musicalidade mineira, a mineiridade musical, eu me atrevo a reportar a emoção que tive ao assistir a um festival de corais que anualmente se realiza em Belo Horizonte.

É emocionante ver o povo mineiro cantando a sua música. A cidade invadida, possuída pelo canto de brasileiros vindos do interior, de fora de Minas e da Capital. Os corais tomam conta de nossas praças e espalham harmonia, melodia e poesia pelas ruas e avenidas. O canto que bate em Beagá vem de lugares distantes, de Veredinha, por exemplo. Mais de 30 crianças, a maioria meninas, colocam em estado de graça o público que assiste ao som e ao gestual de sua apresentação.

Não sei se vocês sabem de Veredinha, pequena cidade fincada no meio do vale do Jequitinhonha, que tem Diamantina como porta de entrada e desfila povoações com nomes singelos como Capelinha, Minas Novas, Turmali-

na e Carbonita. Pois é de lá, do fundo mais fundo do vale, pobre materialmente e rico em cultura, que o maestro Tadeu Oliveira traz o sublime cantar de suas meninas e meninos. Ouvir “Itamarandiba”, minha e de Milton Nascimento, cantada e interpretada por pequenos anjos negros, é de arrepiar.

O fazer musical na terra das montanhas, sertão e gerais guarda todo esse acervo. É com ele que contam os músicos, cantores e compositores mineiros de hoje no momento em que iniciam sua travessia. Com essa rica base, é só acrescentar os conhecimentos novos, ouvir o que se faz nos outros mundos e seguir a viagem de encantamento.